

# *Post teme que o “vírus brasileiro” se alastre*

WASHINGTON — O jornal norte-americano *Washington Post* voltou ontem a dedicar um de seus editoriais à dívida externa brasileira e comentou, em tom crítico, que desde a declaração da moratória tanto os governos internacionais como os bancos comerciais têm trabalhado muito para que “não se alastre o vírus brasileiro”.

“Os governos, tanto aqui (EUA) como na Europa, vêm instruindo os brasileiros que eles têm é de negociar com os bancos credores. E os bancos, por sua vez, decidiram se tornar mais flexíveis em suas rígidas posições anteriores para fecharem, rapidamente, as negociações com outros países devedores que vinham se arrastando já há vários meses”, afirma o editorial.

O *Post* cita os casos do Chile e da Argentina para demonstrar que o governo norte-americano não está nem um pouco interessado em destinar fundos públicos para amenizar o ônus com que os bancos comerciais poderiam arcar com a suspensão dos pagamentos das dívidas e também que dará um tratamento diferenciado às “autênticas democracias” (nu-

ma rispida alusão ao regime autoritário do general Augusto Pinochet, do Chile). “Os bancos tiveram de chegar a um acordo com o Chile (sem o auxílio do Banco Mundial) enquanto que os governos dos EUA e de outras nações industrializadas concediam um empréstimo-ponte de US\$ 500 milhões para ajudar o governo argentino em seu débito externo”, argumenta o jornal. Os casos do México, “que receberá um novo grande empréstimo ainda este mês”, e o da Venezuela, “que conseguiu fechar novo acordo depois de meses de negociações”, são dois outros exemplos mencionados pelo jornal para provar que a comunidade financeira internacional não quer a proliferação do “exemplo brasileiro”.

Sobre a atual viagem do ministro Dilson Funaro, o *Post* comenta que ele é recebido com muita simpatia “mas não há nenhum interesse em encorajar os brasileiros a fugirem de suas responsabilidades”. Citando o chanceler britânico do Tesouro, Nigel Lawson, o *Post* afirma: “O Brasil tem antes de controlar internamente sua economia. Sem isso nenhuma ajuda internacional terá qualquer efeito”.